Mediações culturais na paisagem urbana: espaço de expressão, tensão e poder

Kando Fukushima, Msc.
PPGTE/UTFPR; kandof@gmail.com

Marilda Lopes Pinheiro Queluz, Dra.
PPGTE/UTFPR;pqueluz@gmail.com

Introdução

O ensaio a seguir apresenta uma pesquisa sobre como se dão as mediações entre os cidadãos e o espaço público fora dos dispositivos institucionalizados de comunicação, particularmente no que diz respeito à comunicação visual. O ambiente urbano é um espaço onde podemos encontrar uma grande diversidade de representações de identidades culturais e posicionamentos políticos não hegemônicos. Este trabalho pretende investigar algumas das maneiras como ocorrem as apropriações de espaços da cidade para a manifestação de perspectivas não hegemônicas, pelo viés das pesquisas de Tecnologia e Sociedade.

Para isso, foram selecionados alguns artefatos visuais impressos, principalmente cartazes, espalhados pelo centro da cidade de Curitiba durante os meses de abril e maio de 2015, período de intenso debate social protagonizado por servidores públicos do Estado do Paraná. Através de registros fotográficos, os artefatos analisados são aqueles especificamente relacionados com temáticas sociais ou de expressão poética.

Busca-se compreender como a produção de diversos grupos que interagem e constituem a paisagem visual da cidade e que comumente são ignorados ou abordados apenas como manifestações que estabelecem desordem, podem ser reinterpretados num contexto de exclusão política e cultural.

Conforme autores como Andrew Feenberg, devemos discutir questões sobre valores sociais, levando em consideração o estudo do horizonte cultural que é a base das modernas formas de hegemonia social. Trata-se de uma abordagem crítica que destaca a necessidade de recontextualizar os usos da tecnologia, da comunicação e das identidades visuais, desmistificando uma racionalidade técnica relacionada com uma ideia de eficiência. Pode expor desta forma a relatividade das escolhas técnicas/gráficas predominantes.

A partir dos conceitos de mediação (ou mediações) de Martín-Barbero (2008), pretende-se abordar os aspectos culturais, históricos e políticos presentes nas relações entre esses cartazes e as apropriações cotidianas do espaço público.

Mediações e Código Técnico na paisagem visual urbana

O conceito de Mediações é aqui apresentado nos termos de Jesús Martin-Barbero (2008), contextualizado em sua discussão da relação entre cultura e a sociedade, num sentido amplo que problematiza a ideia de cultura "popular x hegemônica". Podemos citar o autor, que ao discutir a obra de Michel De Certeau e a ideia de Cultura Popular, aponta questões importantes para refletir sobre as mediações de nosso interesse e apontar o "popular" como potencial espaço de resistência:

> Cultura Popular fala então de um resto e de um estilo. Um resto: memória da experiência sem discurso, que resiste ao discurso e se deixa dizer só no relato. Resto feito de saberes inúteis à colonização tecnológica, que assim marginalizados carregam simbolicamente a cotidianidade e a convertem em espaço de uma criação muda e coletiva. E um estilo, esquema de operações, modo de caminhar pela cidade, habitar a casa, de ver televisão, um estilo de intercâmbio social, de inventividade técnica e resistência moral (MARTIN-BARBERO, 2008, p.122).

É importante também destacar que é desse autor e suas reflexões sobre as diversas mídias, do rádio, cinema, música, televisão e das "novas tecnologias" a ideia de como esses meios são parte fundamental do processo de "outorgamento da cidadania às massas urbanas" (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 254). No processo de "massificação" reconhece um risco: reduzir as diferenças ao máximonum contexto onde a motivação é pautada por alcançar o maior público possível e influencia diretamente o que é "moderno", como se fala, etc.

A perspectiva do autor coloca em evidência o fato de que não se pode reconhecer na cultura popular uma pureza ou "nitidez" legitimadora, consideradas em si como espaços de "resistência" ou "inferioridade", dependendo da tendência ideológica. Para o autor, uma abordagem mais adequada reconhece nessa produção um entrelaçamento de submissões e resistências, uma trama.

Investigar os cartazes colocados de forma irregular nas ruas pode ser o que o autor chama de "mapa noturno", percursos e problemas que só podem ser percebidos "tateando", sem uma rota segura.Durante o processo, é possível identificar áreas inexploradas a partir das mediações e dos sujeitos. É a partir dessas mediações que nessa abordagem provêm as construções e configurações da materialidade social. Por esse viés, as mediações são processos dialéticos, ainda que assimétricos, que possuem o potencial de resistência e apropriação, articuladas com as relações de poder.

Diante da complexidade da conformação das cidades, espaços de coexistência de estilos de vida diversos, visões de mundo e interesses contraditórios, as respostas ao questionamentos anteriores sãosempre provisórias. Assim como o próprio espaço da cidade, elas estãoem constante mutação, relacionadas com os ritmos diferenciados de ocupação/apropriação, num processo onde desintegram-se redes sociais e sentimentos de pertencimento (ROCHA; ECKERT, 2005).

A própria concepção de cidade, ou de espaço urbano, pode ser abordada pelo viés da Comunicação:

> As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais (CANCLINI, 2008, p.15).

Outro conceito importantepara a reflexão acerca dos cartazes escolhidos, veio da perspectiva do “código técnico” utilizado por Feenberg(1992) em sua Teoria Crítica da Tecnologia.

Este conceito identifica um código ou regra que prescreve aspectos importantes da configuração de algum artefato (o espaço urbano, cartazes, etc.), sendo que a relação entre as demandas sociais e os requisitos técnicos são intermediadas por este código ou regra. Os códigos técnicos não são necessariamente explícitos e correspondem a interesses hegemônicos específicos. Em última instância, dificultam a percepção de novas possibilidades de configurações e usos da tecnologia.

A respeito dos usos dos espaços da rua para a comunicação visual, pode-se dizer que normalmente está normatizada seguindo interesses bastante restritos. Suas justificativas passam por conceitos relacionados com a racionalização e a ordem, tal como quando se discute a poluição visual nas grandes cidades. A racionalização por esse viés crítico também é constituída historicamente e, portanto, não é derivada de um "princípio universal".

Considerando esta perspectiva, institucionalmente, o uso dos suportes comunicacionais na rua está restrita principalmente pela publicidade de produtosde grandes empresas e propaganda de Estado. Além do uso do espaço em si, suas características formais (tamanho, materiais, processo de impressão, etc.) são estabelecidos de forma similar.

A democratização da tecnologia, num sentido amplo do termo, exige a reflexão crítica sobre os atores envolvidos. Deve-se reconsiderar as vantagens aparentes,entendendo como a

tecnologia está inserida em seus respectivos contextos e promovendo uma maior iniciativa e participação dos indivíduos.As tecnologias são selecionadas a partir de interesses sociais, econômicos e políticos dentre muitas possibilidades de configurações. O processo de seleção é orientado pelos códigos sociais estabelecidos pelas lutas culturais e políticas que definem o horizonte de ação da tecnologia (FEENBERG, 1992, p.10).

A paisagem visual urbana faz parte da cidade, um lugar, espaço mental e território. Sobre esse aspecto Mongin (2009, p.85) considera:

> A experiência política própria à condição urbana remete assim a concepções diversificadas da solidariedade, da integração e da cidadania. Quem pertence à cidade? Quem participa da cidade? Quem pode ser acolhido na cidade?

Contextualização

Por conta de um fato ocorrido no dia 29 de abril de 2015, a capital do Estado do Paraná, Curitiba, ganhou notoriedade e repercussão nacional e internacional em diversos meios de comunicação: jornais impressos, telejornais, internet, radio dentre outros. Esse dia foi marcado pelo confronto entre manifestantes e policiais militares em frente à Assembleia Legislativa (massacre, barbárie, além de outros termos mais contundentes) onde mais de 200 manifestantes saíram feridos, diante da ação policial que envolveu cães, bombardeio de helicóptero (gás lacrimogêneo e de efeito moral), balas de borracha e cassetetes.

Trata-se do pior momento até então de uma crise política no governo do Estado do Paraná que envolve diversas denúncias de corrupção, aumento de impostos, cortes de benefícios do funcionalismo público estadual, inclusive a quebra do acordo firmado com os professores em fevereiro de 2015, quando os deputados saíram da "casa do povo" escoltados, depois de tentarem aprovar o pacote de cortes em votação dentro do restaurante da Assembleia Legislativa para evitar os demais presentes na votação.

Somam-se a esse quadro, as ações de repressão violentas. O discurso do recém reeleito governador, Carlos Alberto Richa, conhecido comoBeto Richa (PSDB), poucos meses antes, no qual afirmava que o "melhor ainda está por vir"[1], ganhou uma dimensão trágica, brutal.

Apesar do registro e do debate sobre o acontecimento de 29 de abril ter ocasionado um movimento amplo de crítica, incluindo os meios tradicionais de comunicação, pretende-se

[1]Embora a frase tenha sido repetida em diversas ocasiões, cito a transcrição de trechos do discurso de Beto Richa na sede do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR), em Curitiba, publicado no dia 5 de outubro de 2014, disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2014/o-melhor-esta-por-vir-eejmnw10i4nszcvytjmcoqr0u> acesso em 07/06/2015: "Posso assegurar que o melhor está por vir. Dediquei parte do meu tempo a pagar dívidas. Agora, as contas estão praticamente saneadas ... Vamos continuar assim: com muita austeridade e absoluto rigor na aplicação dos recursos públicos".

destacar outras formas de comunicação que foram utilizadas nesse contexto, os materiais impressos colados no ambiente urbano, na maioria das vezes de forma irregular, particularmente os cartazes.

Entende-se que esses impressos em nossa paisagem visual urbanapodem explorar um acontecimento anterior como algo que "é" e não que "foi". Ao dar visibilidade a questões importantes para a sociedade, perduram como ideias de visões políticas múltiplas, como um embate de interesses e pontos de vista, não como notícias passageiras.

Esta característica, por exemplo, é diferente de umanotícia no jornal. Ao abrirmos um jornal, temos uma expectativa anterior mais clara. Procuramos um periódico deste tipo para lermos opiniões e descrições de acontecimentos. Andamos na cidade para transitar, sabemos que vamos nos deparar com a publicidade, mas esse espaço possui outras possibilidades.

Ainda que em seu texto Agamben (1998) esteja discutindo uma outra mídia, podemos citá-lo para observar uma crítica possível da relação do tempo da recepção:

> As mídias dão-nos sempre o fato, o que foi, sem a sua possibilidade, sem a sua potência, dão-nos portanto um fato sobre o qual somos impotentes. As mídias adoram o cidadão indignado mas impotente. É o mesmo objetivo do telejornal. É a má memória, a que produz o homem do ressentimento.

Os materiais gráficos abordados, registros efêmeros de duração incerta, são também manifestações concretas, ou as "memórias pensadas". São partes do cotidiano e pertencimento dos sujeitos, um processo não linear discutido por Ana Luiza Carvalho da Rocha e CornéliaEckert (2005). Na reflexão crítica das autoras sobre o discurso da desordem urbana e da memória do mundo urbano contemporâneo, elas destacam:

> A história de cada indivíduo na cidade é a história das situações que ele enfrentou em seus territórios, e é a ação desse sujeito nesses espaços que faz de um episódio banal uma situação para ele, de reinvenção de suas tradições (ROCHA; ECKERT, 2005, p.30).

Materiais gráficos na rua

A pequena amostra de materiais gráficos a seguir foram escolhidos principalmente por abordarem de forma explícita as questões que envolvem as políticas públicas do governo do Estado do Paraná ou ainda que foram encontrados no mesmo período (abril e maio de 2015) em Curitiba, mas que poderiam estabelecer um diálogo temático. As fotografias foram tiradas nos locais, principalmente na região central da cidade, circulando pelas ruas em busca destes exemplos e também durante uma manifestação de apoio à pauta dos servidores públicos e de repúdio à violência no dia 30 de abril, um dia após o embate mencionado anteriormente.

Os cartazes, ou cartazetes, são em sua maioria no formato A4 (21 x 29,7cm), impressos em preto e branco, em fotocopiadoras. Chamados de "lambes", são colados normalmente com cola caseira (ex: cola branca diluída) e utilizam papéis de baixa gramatura de até 90g/m^2. Apesar do aspecto simples e caseiro, essa linguagem também representa a ideia de urgência.

O tempo em que eles ficam expostos depende de diversos fatores: alguém que discorda da opinião expressa no material, chuva, limpeza dos locais, etc., diferentemente daqueles que utilizam os suportes institucionalizados, com contratos específicos de tempo de veiculação (ex: publicidade em mobiliário urbano). É muito comum encontrarmos os cartazes sobrepostos a outros ou ainda com pedaços arrancados de suas extremidades.

A figura 1, exemplifica essa última característica. Aparentemente alguém tentou tirar o cartaz do poste de luz mas desistiu. No poste podemos ver vestígios de outros impressos, vários pequenos pedaços de papel.

De forma a evidenciar a contradição e o estado de exceção instituído na ocasião, a imagem que ilustra o lema "Respeito à democracia" no topo do impresso, logo abaixo assinado "Paraná, Governo do Estado", é uma foto da ação do dia 29 de abril. Uma grande quantidade de manifestantes se aglomeram na parte inferior da foto. Os edifícios do governo estadual ao fundo estão acobertados por uma nuvem de fumaça de onde podemos vislumbrar o avanço dos escudos da tropa de choque.

Figura 1 - Cartaz "Respeito à democracia". Fonte: do autor, 2015

As figuras2a e 2b são imagens de um modelo de cartaz que foi distribuído durante o dia 30 de abril numa das manifestações ocorridas durante o dia a favor dos professores. O cartazaborda a relação entre o espaço público, a rua, também como espaço de aprendizagem. A educação não é restrita às questões da atividade docente e seu espaço de debate extrapola as salas de aula e interessam à sociedade num sentido amplo. Nele lemos: "A rua é também uma escola!

Todo apoio aos professores". Uma imagem em alto contraste de manifestantes preenche o centro da composição.

A figura 2a mostra um dos suportes utilizados por este tipo de impresso, as laterais de lixeiras. A foto foi tirada num ponto de ônibus de grande circulação (Praça Tiradentes), e além da comunicação expressa em suas imagens e textos, virou um indício da própria trajetória da manifestação, uma vez que foram colados durante o ato.

Figura 2a - Cartaz "A rua é também uma escola!" afixado numa lixeira. Fonte: do autor, 2015.
Figura 2b - Cartaz "A rua é também uma escola!". Fonte: do autor, 2015.

O impacto da greve e as incertezas quanto ao futuro das políticas públicas na área da educação é o tema dos impressos apresentados nas figuras 3a e 3b.No mesmo dia (30 de abril), dois pequenos impressos eram colados geralmente juntos. Num deles um retângulo preto com os dizeres, "Richa: Nocivo ao futuro das crianças". Logo abaixo, uma colagem de imagens mostra Beto Richa sorridente, sentado num sofá com duas crianças aos prantos no colo. Uma foto que nos remete a uma imagem de família.

Figura 3a - Impressos "Richa: Nocivo ao futuro das crianças" colado sobre publicidade. Fonte: do autor, 2015.
Figura 3b - Impressos "Richa: Nocivo ao futuro das crianças". Fonte: do autor, 2015.

A figura 4 não possui uma relação direta com o tema, porém, foi fotografado durante o mesmo período. Sua abordagem, menos específica, pode ser interpretada de forma complementar ao assunto, mesmo não tendo esta intenção originalmente.

Figura 4 - Cartaz "Respira". Fonte: do autor, 2015.

A foto de uma pessoa está de frente para os observadores. Estaria nos olhando diretamente se não segurasse uma pequena faixa onde se lê "Respira". A mensagem inusitada no meio do percurso dos transeuntes possibilita inúmeras interpretações: pode se referir ao cotidiano estressante dos grandes centros urbanos, chamar a atenção para as próprias necessidades individuais, etc. Mas depois de uma ação policial que bombardeou manifestantes com gás lacrimogêneo ganha uma nova significação, provocativa mesmo em sua simplicidade, evidenciando a dificuldade de exercer atividades básicas: o ir e vir, manifestar posicionamentos políticos e até mesmo respirar.

A escolha desse exemplo foi motivada pela intenção de ilustrar e chamar a atenção para a riqueza de peças gráficas que podemos encontrar nas ruas, constituindo uma paisagem urbana diversificada. Além disso, faz parte de um conjunto de visualidades que em diferentes contextos podem ser interpretados de forma inspiradora, ou ao menos curiosa.

Considerações

Entende-se que as abordagens de Martín-Barbero, sobre traçar novas cartografias, baseadas em negociações e ocupações dos lugares feitas pelas pessoas, ressignificando espaços; e de Feenberg, sobre as apropriações dos códigos técnicos, redefinindo usos, destacam a complexidade, o caráter conflitante e transitório das relações sociais e suas materialidades. A

escolha desses autores foi pautada pela busca de categorias de análise que possam contribuir no estudo dessa produção de materiais gráficos espalhados pelos centros urbanos.

A pequena amostra de cartazes apresentada neste ensaio destacou aqueles que são colocados em lugares inusitados ou que não foram destinados originalmente para este fim. Eles evidenciam uma outra forma de utilizar o espaço da rua, apropriados pelas pessoas que circulam nas ruas mas que normalmente não se reconhece como demanda ou alternativa legítima de uso. Avaliando dessa forma, em termos de poluição ou desordem, não se questionam, de forma crítica, as limitações representadas pelas regulamentações, que descartam a diversidade e as contradições.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O cinema de Guy Debord. Publicado originalmente em: AGAMBEN, Giorgio. *Image et mémoire*. França: Hoëbeke, 1998. p. 65-76. Disponível em <http://www.intermidias.blogspot.com.br/2007/07/o-cinema-de-guy-debord-de-giorgio.html>Acesso em 26 de julho de 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. Imaginários culturais da cidade: Conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (Org.) *A culturapelacidade*. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 15-30.Disponível em < http://novo.itaucultural.org.br/os-livros-do-observatorio/a-cultura-pela-cidade/>Acesso em 10 de julho de 2014.

FEENBERG, A Racionalização Subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia. Publicadooriginalmenteem: *Inquiry*. Londres: Routledge, 1992.volume 35 (n. 3-4), p. 301-322. Tradução: Anthony T. Gonçalves.Disponível em <http://www.sfu.ca/~andrewf/books/Portug_Racionalizacao_Subversiva_Tecnologia_Poder_Democracia.pdf>Acesso em 05 de abril de 2015.

FENG, Patrick; FEENBERG, Andrew. Thinking About Design. Critical Theory of Technology and the Design Process.In: VEERMAS, Pieter, E. et al. (eds.) *Philosophy and Design*.FromEngineeringtoArchitecture. Springer, 2008. p.105-118.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. 5a edição. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús.*Ofício de cartógrafo*. Travessia latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MONGIN, Olivier. A condição urbana I. A cidade um ambiente sob tensão. In: MONGIN, Olivier. *A condição urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 31-131.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia.A retórica de um mito: "Brasil um país sem história". In:ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*.PortoAlegre: UFRGS Editora, 2005. p. 17-32.